

FOTOJORNALISMO

*Marcelo Valle*¹

O que é fotojornalismo?

O fotojornalismo é a atividade do fotógrafo voltado para a imprensa, periódicos (principalmente jornais e revistas), recebendo o nome de repórter fotográfico, membro do sindicato dos jornalistas profissionais. O que caracteriza o fotojornalismo é principalmente a busca por informação, uma forma de informação visual que transmita de forma clara e eficiente a notícia (o fato jornalístico), possibilitando a apreensão rápida de uma situação ou acontecimento. Associada a isso, a foto deve ser imediata, fazendo um recorte preciso do tempo e do espaço, de certa forma prevendo o acontecimento (se o fotógrafo "viu a foto", ele não a fez).

Esse imediatismo, a falta de tempo, acaba incomodando alguns fotógrafos como Rogério Reis:

Uma das coisas que me incomodam no jornalismo é a falta de tempo, isto é, o imediatismo: vai lá, volta correndo. É evidente que dou conta do recado, consigo fazer esta performance de sair e voltar rápido, editar e aquela correria toda. Mas qualquer trabalho com tempo me agrada. Qualquer tema, não tenho nenhuma preferência. O trabalho do Hospital Souza Aguiar, fiz em 24 horas, poderia ter ficado 48 horas, mas me deram um prazo. Eu poderia ter entrado mais no assunto, perceber melhor a realidade daquele lugar. Estive na favela da Maré, na saída do Rio, fazendo um trabalho por uma tarde, tive que fazer várias fotos, ver as condições da favela, essa coisa toda. Ao chegar lá vi que estava invadindo um espaço onde nunca havia pisado antes. É preciso ter muito cuidado para não agredir determinadas comunidades fechadas.²

Com a concorrência da televisão, a fotografia perdeu espaço como principal veículo de informação visual, no entanto, acabou ganhando um poder de síntese muito maior, os fotógrafos têm que produzir uma imagem mais apurada. A idéia de que a

¹ Educador de fotografia do projeto Olho Vivo.

² Em: PAIVA, Joaquim. Olhares refletidos – diálogo com 25 fotógrafos brasileiros. 2 volumes, Rio de Janeiro: Dazibao, 1989.



fotografia reflete a realidade, a verdade, continua presente e remetendo sempre aos primórdios da fotografia e seu espírito cientificista.

As palavras de alguns fotógrafos confirmam isso, como no caso de Orlando Brito:

O fotojornalismo é a parte mais viva da fotografia, quando ela pode expressar-se com maior autenticidade possível. E por uma razão só: lida com a realidade, com o fato. No meu entender, o fotojornalista trabalha como uma espécie de delegado do leitor, ele tem um compromisso com as pessoas ausentes. A sua função é repassar para quem não viu aquilo que ele pode presenciar. É fundamental simplesmente reproduzir o que está acontecendo. O fotógrafo - e todas as vezes que me referir à fotografia estarei referindo-me ao fotojornalismo, à fotografia real - não cria. Ele descobre. O fotógrafo não é um criador. Ele é um descobridor. O criador, sim, é o fotógrafo de publicidade. O fotojornalista é impedido de criar. Ele não pode criar, sob pena de alterar, com isso, seu objetivo, que é o de mostrar a coisa da forma que ela aconteceu. O que eu acho é que não se pode alterar uma realidade.³

Os primórdios do fotojornalismo

Em meados do século XIX, começam as primeiras publicações ilustradas. Em 1842, foi lançada na Inglaterra a revista *The Illustrated London News*, com o objetivo de passar informações mundiais e nacionais (da sociedade à política) com imagens variadas, sobretudo nacionalistas. Em 1843, foi publicada em Paris a revista *Illustration*. Nesse mesmo ano foi feita a primeira fotografia política, um daguerreótipo mostrando a assinatura de um tratado de paz entre a China e a França. Outra foto importante do mesmo ano foi feita em um incêndio que destruiu a cidade de Hamburgo na Alemanha. Essas fotos na verdade não são consideradas como fotojornalismo, mas demonstravam o interesse pela imagem e os acontecimentos como uma espécie de testemunha que repartia o que via com o público. Faltava ainda tecnologia de impressão e o desenvolvimento de uma linguagem⁴.

Nas palavras da escritora Gisele Freund:

A fotografia é um fenômeno de fundamental importância. Muda a

³ Idem.

⁴ Não existiam ainda formas de impressão da fotografia em papel, as fotos serviam como originais onde desenhistas e ilustradores refaziam a imagem em litogravura para que pudesse ser impressa nos jornais e revistas, muitas vezes acrescentando ou retirando elementos.



visão das massas. Até então, o homem comum só podia visualizar os acontecimentos que ocorreriam à sua volta, na sua rua, na sua cidade. Com a fotografia abre-se uma janela para o mundo. Os rostos de personagens públicos, os acontecimentos que têm lugar em um mesmo país e além das fronteiras tornam-se familiares. Ao ampliar o campo de visão o mundo se encolhe. A palavra escrita é abstrata, mas a imagem é o reflexo concreto do mundo onde cada um vive. A fotografia inaugura os *mass-media* visuais quando o retrato individual se vê substituído pelo coletivo.⁵

As guerras como tema

As pessoas sempre tiveram interesse pela guerra e as sociedades humanas, seja em que lugar ou tempo, sempre estiveram em conflito, mas é no século XIX que ela vai ganhar um caráter massivo, envolvendo mais gente, mais armas e mais interesses. O imperialismo em expansão, a busca de novos mercados, matérias primas e territórios geravam os conflitos.

A primeira guerra para onde os jornais enviaram correspondentes foi a guerra Mexicano-Americana, em 1846. Um fotógrafo anônimo realizou uma série de daguerreótipos de soldados e oficiais. No entanto, oficialmente, a Guerra da Criméia⁶ inaugura o fotojornalismo e também a censura. As fotos de Roger Fenton mostravam os campos de batalha vazios, grupos de soldados ordenados, limpos e felizes, quando muito, um soldado ferido, mas recebendo cuidados imediatos. Essas imagens refletiam o pensamento da época de ordem e progresso, a guerra deveria ser assim. Foi um trabalho encomendado pelo editor Thomas Agnew para o Império Britânico, que condicionava ainda mais o trabalho de Fenton dando à guerra um caráter de heroísmo e epopéia. A própria técnica e limitação das câmaras não permitiam ao fotógrafo ficar na ação. As fotos levavam um longo tempo de exposição para serem feitas e os equipamentos eram muito pesados, assim, as imagens de guerra, mesmo quando não censuradas pelos governantes, ficavam limitadas pela técnica. Predominavam imagens da paisagem bélica e não atos de guerra em si. O observador ficava do "lado de fora", chegava depois, criando uma distância temporal e espacial do fato.

Outros dois fotógrafos estiveram na Guerra da Criméia, no entanto, com um registro mais livre: James Robertson, o primeiro a fotografar mortos em combate, e

⁵ FREUND, Gisele. *Fotografia e Sociedade*. Lisboa: Veja, 1995.

⁶ GUERRA DA CRIMÉIA (1854/1856): Disputa entre a Rússia e uma coalizão liderada pela Inglaterra com a França, Sardenha, Áustria e império Turco Otomano (atual Turquia). O conflito aconteceu na península da Criméia, no sul da Rússia e nos Balcãs. É uma reação às pretensões expansionistas da Rússia nos Balcãs e na região entre o mar Negro e o Mediterrâneo.



Felice Beato (1830-1906). A partir daí outras guerras passaram a ser registradas, Áustria x Sardenha (1859), Argélia (1856/57), Prússia e Áustria contra a Dinamarca (1864).

Talvez o mais importante e "massivo" registro fotográfico foi feito na Guerra de Secessão⁷ nos Estados Unidos em que quatro fotógrafos se destacaram: Mathew Brady (1823-1896), Alexander Gardner (1821-1882), Timothy O'Sullivan (1840- 1882) e George N. Barnard (1814-1902). Depois da Guerra de Secessão (Guerra Civil Americana), o fotojornalismo passa por um desenvolvimento:

- Os editores de jornais e revistas descobrem o interesse dos leitores pelas imagens, a fotografia tem o poder de persuadir, de fazer com que as pessoas acreditem no que vêem.
- As notícias e fotos ganham velocidade entre o momento de obtenção e a reprodução nas páginas de jornais e revistas. Nasce uma estrutura de suporte que reduz o tempo de transmissão da notícia e, com isso, o conceito de ATUALIDADE, a informação passa a ser atualizada e mais rápida, o imediato tem mais valor. Para a maioria das pessoas os jornais e revistas não duram mais que um dia.
- O fotógrafo passa a estar de fato na hora dos acontecimentos. Estética da proximidade. O leitor pode "olhar" o fato pelo olho do fotógrafo, a fotografia como testemunha ocular.
- As imagens que são publicadas quase sempre são do lado vencedor (aquele que conta a história).
- O mundo se torna aparentemente mais cruel, a imagem de certa forma evidencia essa crueldade melhor que a palavra, parece ser mais realista.

⁷ GUERRA DE SECESSÃO (GUERRA CIVIL AMERICANA) - 1861/1865 : Em 1787, a constituição americana cria uma república presidencialista e federalista em que cada estado da federação tem sua autonomia política e econômica inclusive para determinar a forma de mão de obra. O sul dos EUA continua escravista e agro-exportador e se sente ameaçado pelo norte que era industrial e abolicionista, tentam criar um novo país e declaram guerra ao norte. A guerra vencida pelo norte impulsionou o desenvolvimento dos EUA, acelerou políticas de reforma agrária, a abolição foi estabelecida em todos os estados, unificou mercados e criou um modelo industrial predominante.



A diversificação dos temas e a evolução tecnológica

Uma série de inovações faz com que a fotografia aos poucos conquiste as páginas de jornais e avance rumo às massas, se popularize:

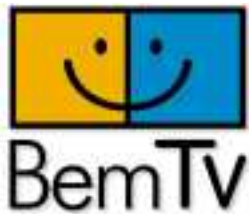
- Emulsões mais sensíveis
- Lentes anastigmáticas
- Película flexível
- Câmeras manuais menores
- Processos de impressão inovadores

Em julho de 1871, um jornal sueco publicou pela primeira vez uma foto impressa junto com um texto graças à invenção de Carl Carleman de um novo processo de impressão, o *halftone* (trama de linhas). Segundo o próprio inventor, sua criação faria com que a fotografia pudesse se popularizar e se difundir massivamente. A partir de 1890, as fotografias passam a ser utilizadas em maior escala principalmente em revistas, um avanço no uso das imagens que aos poucos vão ganhando uma especialização temática e periodicidade. Ainda assim muitas pessoas se manifestavam contra o uso das fotos, pois não as consideravam arte. Os desenhistas continuavam a ser muito requisitados, atendendo ao gosto do público. Os suplementos dos jornais de domingo dedicavam espaço especial para as fotos.

Em 1884, outra invenção importante foi feita pela dupla George Eastman e W. Walker, a película fotográfica em forma de rolo (tira), facilitando a manipulação das câmeras. Quatro anos mais tarde (1888), Eastman desenvolve uma verdadeira revolução na fotografia, a criação de uma câmera kodak. Facilita o amadorismo e democratiza a fotografia, que entra no cotidiano das pessoas, nos álbuns de família, festas, batismos, casamentos e viagens.

As fotografias vão conquistando mais espaço e se consagrando como meio de informação, muitos jornais ficam mais sérios e suas matérias mais profundas, são estabelecidas convenções para os fotógrafos e o fotojornalismo vira de fato uma profissão. Até então os fotógrafos eram mal vistos e mal recebidos por serem grosseiros e rudes, escolhidos mais pela forma física, força do que pela técnica e sutileza. Os flashes à base de magnésio e enxofre tinham um cheiro forte e desagradável, incomodando os fotografados. Na época, uma foto boa era aquela que era nítida e, sobretudo, utilizável.

Em 1890 é feita a primeira reportagem fotográfica sobre a vida em uma prisão nos EUA, por S.W. Westmore. Os jornais ganham suplementos fotográficos. As pessoas públicas, políticos e governantes têm seus rostos mais conhecidos, o mundo se torna



menor, mais observado. Os fotógrafos amadores, ao contrário dos profissionais, ainda se aproximam de uma imagem mais pictorialista, enquanto os profissionais querem mais realismo e informação, não apenas ilustração. Texto e foto interagem.

Em resumo, pode-se concluir que a fotografia nos fins do século XIX passa a ter mais espaço em função de:

- difusão da informação por meio impresso, massificação da informação;
- adaptação de meios de impressão fotomecânica;
- aparecimento do instantâneo fotográfico.

Somente nos anos 20 do século XX é que a fotografia realmente se adaptará à imprensa.